



Apresentação

Apresentação

A *Revista da Anpoll*, consolidada como importante veículo para divulgação do pensamento e debate de perspectivas na área de Letras e Linguística, chega ao seu 38º número contando com cinco seções intituladas **Relatos, Testemunhos; Crônica. Chronique. Crónica; Espectros de Orpheu; Miscelânea e Tradução**, respectivamente.

A primeira seção reúne três conferências apresentadas no XXX Encontro Nacional da Anpoll, realizado entre os dias 6 e 8 de julho de 2015, na USP, e três ensaios afins. Essa seção se abre com a conferência de Ronald Green, **O fim de universalidade: novas coletividades nos estudos literários de hoje**, uma acurada reflexão sobre as mudanças da paisagem intelectual a partir de meados do século XX. E, em **Notas sobre o debate das humanidades na era da excelência acadêmica**, *William Díaz* discorre sobre a “fragmentação das humanidades” sem descurar de uma reflexão sobre os desafios que se impõem aos estudos literários no século XXI.

Em seguida, a conferência intitulada **Letras e humanidades depois da crise**, de Alcir Pécora. Trata-se de uma lúcida e provocativa análise, avessa à certa eloquência que combina o estilo lamurioso com o

edificante com o intuito de demonstrar a importância das Humanidades em geral e das Letras em particular que, para além de um mero relato, se apresenta com a força de um testemunho da “própria experiência de docente na Unicamp, ao longo dos últimos 40 anos”.

À sua vez, em **Transformações na concepção de Universidade, o caso brasileiro, e seus impactos nos estudos literários**, Fabio Durão, “discute as mutações amplas pelas quais têm passado a ideia e a prática da universidade, para em seguida abordar reflexos dessa dinâmica no âmbito dos estudos literários, sob o pano de fundo do contexto brasileiro”. Já em **Ciências humanas: institucionalização e crise de interesse**, Pedro Dolabela Chagas reflete sobre a sensação de “crise” como resultante da percepção do pouco interesse da esfera pública e do alunado pelas humanidades e investiga as causas externas e internas desse desinteresse. E, por fim, em **A literatura como antropologia especulativa**, Alexandre Nodari parte da leitura de Lyotard, para o qual a crise de legitimação política e do conhecimento derivou da crise dos grandes relatos, para sugerir “que a crise atual é uma crise do grande Relator: a crise das humanidades seria parte mais geral da crise do Humano”, compreendendo a literatura como uma “linha de fuga” para esse contexto.

A segunda seção temática reúne um conjunto de nove trabalhos que têm como recorte e direcionamento a discussão da crônica e das formas textuais jornalísticas no século XIX em sua relação com a circulação da cultura. Esses textos trazem definições e apresentações do processo de formação da crônica como gênero, bem como do desenvolvimento de sua escrita ao longo do século XIX e início do XX, na França, no Brasil, no México e no Canadá. Dessa forma, esclarecem-nos a respeito de características do gênero, além de evidenciarem que aquilo que

consideramos como paradigma brasileiro da crônica faz parte, na verdade, do desenvolvimento desse tipo de texto em um universo midiático que se reproduziu em vários pontos da civilização ocidental.

Tal seção, intitulada **Crônica. Chronique. Crónica**, se inspira no título do artigo de Lucia Granja, que analisa algumas das características da formação da crônica brasileira no século XIX, a partir da ocupação do espaço das páginas dos jornais na primeira metade do século XIX. A seguir, em **“Uma flor murcha”**: a crônica brasileira entre o jornal e o livro, Marcus Vinicius Nogueira Soares ensaia uma reflexão sobre o debate ocorrido nas décadas de 1950 e 1960 em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo acerca do valor literário da crônica, culminando com uma análise do “lugar específico para o gênero dentro de uma historiografia que comporte a sua dimensão mais propriamente jornalística”. E, no artigo **Luis G. Urbina: crônicas porfirianas**, Miguel Ángel Castro, em tradução de Maraiza Almeida Ruiz de Castro, parte das crônicas que Luis G. Urbina publicou em *El Mundo ilustrado* entre 1899 e 1906, para tecer considerações sobre a natureza democrática da crônica jornalística do último quarto do século XIX em busca de uma poética do gênero condicionada pelo “prolongamento de alguns dos seus traços literários no início do século XX”.

Na sequência, Orna Messer Levin, em **A crônica e a cena: considerações sobre o teatro na imprensa do Rio de Janeiro no século XIX**, após constatar a importância do teatro na vida brasileira do século XIX, passa ao exame das especificidades da crônica dedicada ao exercício da crítica a espetáculos “observada em sua forma embrionária e na forma consagrada de resenha semanal”. **Entre crônica e reportagem, familiaridade e exotismo: Françoise em paris (La Patrie, 1900)**, artigo de Guillaume Pinson, traduzido por Yuri Cerqueira dos Anjos, propõe-se uma

análise das crônicas de Françoise (pseudônimo de Robertine Barry), considerando-as um “exemplo ímpar da transição poética entre a crônica e a reportagem no Canadá francês”. Em seguida, no artigo **A “crônica” de Bilac em A *Bruxa* (1896-1897)**, Álvaro Santos Simões investiga a contribuição das crônicas de Bilac, ilustradas pelo português Julião Machado no hebdomadário *A Bruxa*, para a afirmação da “tendência da crônica brasileira ao humor e à ironia” e para que esta modalidade discursiva “fosse no Brasil muito mais expressão literária de uma subjetividade do que seção jornalística meramente destinada ao comentário dos principais fatos da semana”.

Entre transferências, empréstimos, adaptações e traduções, em **Daqui e de lá: empréstimos de leituras e imagens para as revistas literárias do México na primeira metade do século XIX**, artigo de Laura Suárez de la Torre traduzido por Livia Grotto, tem por objetivo refletir sobre “a circulação de leituras e imagens da Europa em direção à América” com o propósito de visualizar o projeto político-cultural que os redatores pretendiam instaurar. Por sua vez, Marie-Ève Thérénty, no artigo intitulado **O *Gender* da crônica parisiense: de Delphine de Girardin a Colette**, traduzido por Priscila Renata Gimenez, discorre sobre questões relacionadas à “investigação sobre a divisão do feminino e do masculino na crônica francesa do século XIX e da primeira metade do século XX e, de modo mais abrangente, do exame da sexuação dos gêneros jornalísticos”. E, por fim, temos o ensaio de Alain Vaillant, **A crônica no século XIX: as metamorfoses midiáticas de um gênero literário**, no qual se investigam as condições de possibilidade do gênero da crônica decimononista, do Primeiro Império até as primeiras décadas da Terceira República francesa.

Na terceira seção temática faz-se jus às palavras de Fernando Pessoa: “*Orpheu* acabou, *Orpheu* continua”. Trata-se de uma homenagem

(mais crítica do que eufórica) à revista *Orpheu* no ano do seu centenário. Uma revista aquém e d'além mar, luso-brasileira. Mais do que batizar uma geração, esta revista instaurou, nas palavras de Eduardo Lourenço, uma autêntica revolução poética, sem paralelo na história literária portuguesa. A seção é composta de três ensaios. Em primeiro lugar, Ettore Finazzi-Agrò, em **A palavra em exílio. Orpheu e o desejo de comunidade**, traz uma análise do programa ideológico que começa a se delinear a partir da “introdução” de Luís de Montalvor ao primeiro número da revista, identificando com clareza “o confuso desejo de evasão e eversão dos cânones que tem acompanhado, ao longo dos anos, a Geração de Orpheu, mostrando, ao mesmo tempo, a razão pela qual alguns dos membros do grupo não conseguiram sustentar até o fim o peso duma existência (e duma escrita) sempre “exceptuada” e, nesse sentido, o termo “exílio” surge como importante chave de leitura para a compreensão desse artigo e dessa geração. Em sintonia com a leitura de Ettore Finazzi-Agrò e, inequivocamente, um desdobramento lógico dessa reflexão, em **Espetros de Orpheu**, Roberto Vecchi define as reverberações provocadas pela experiência do *Orpheu* qual uma “sombra intermitente condicionando momentos estéticos e críticos de diferente natureza, às vezes até em contradição recíproca”, ao longo do século XX. Assim, apoia sua reflexão no termo “hantologie”, pensado por Derrida, para propor uma “teoria do espectro sustentada pela própria dinâmica do *Orpheu*, onde a natureza anfibológica do espectro – ao mesmo tempo presente e ausente, vivo e morto – atua a partir de uma resistência ou uma força que marcam sinais e sobrevivências, apesar de um fim nunca assumido e sempre adiado”. A seção se fecha com o artigo **Modernismo e indagação identitária**, de Dionísio Vila Maior, com uma reflexão “sobre a problemática da *viagem* na vivência modernista e no *discurso* literário

modernista, incidindo-se uma atenção particular sobre a produção literária de Fernando Pessoa (e dos seus *outros eus*), Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros”. Aqui, a metáfora da viagem se alia à “busca identitária do *eu*”.

Na quarta seção reúne-se um conjunto de artigos com temática livre. Assim, em **O resgate de um corpo ausente: testemunho, memória e restos em *Antes do passado***, Maria Rosa Duarte de Oliveira propõe que entre “a história e a ficção, a memória e o testemunho, a subjetivação e a dessubjetivação”, a narrativa de *Antes do Passado – o silêncio que vem do Araguaia* “se faz no intervalo do que ficou por dizer”. Já em **Poesia e política: o espaço público brasileiro nas jornadas de junho de 2013**, Frederico Fernandes recorre a filósofos como Debord, Agamben e Virno com o fito de realizar uma “leitura sobre o papel da poesia em meio a um ato político, sobre a poesia e suas manifestações no espaço público”.

No artigo de Claudia Dias Sampaio, **Cecília Meireles e Isabel do Prado: a construção de O Romancero da Inconfidência**, apresenta-se a correspondência entre a poeta e a jornalista, entre os anos de 1940 e 1950, considerando-a um material valioso de reflexão sobre a relação entre autobiografia e poesia. E, no artigo **Octavio Paz: ou o belo na teoria**, de Marcelo Almeida Peloggio, articula-se uma análise do pensamento crítico de Octavio Paz acerca do fazer poético privilegiando as noções de “desvanecimento da imagem do mundo”, do poema como “manancial” e o conceito de “revolta do futuro”.

A seção se fecha com os artigos **A paisagem e a descoberta do mundo em “Campo Geral”, de Guimarães Rosa**, de Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani e Sidney Barbosa, no qual se discute a importância de se “refletir acerca de uma representação literária que conceda à natureza o papel de elemento constitutivo da obra, ou seja, como elemento narrativo capaz de

transmitir e incorporar significados relevantes ao conteúdo das obras”; e com o artigo intitulado **A gramatologia da crítica cultural**, de Carlos Magno Gomes, que “retoma a herança teórica de Derrida” propondo que a recepção de seus conceitos por Homi Bhabha, Stuart Hall e Silviano Santiago engendra “uma crítica de revisão e de produção de ações interventivas, levando em conta questões políticas como hibridismo, identidade e entre-lugar.”

Como arremate deste número, publica-se a conferência *Traduction et mondialisation de la fiction: l'exemple d'Alexandre Dumas père en Amérique du Sud*, de Jean-Yves Mollier, professor de História Contemporânea e diretor da *L'Ecole Doctorale Cultures, Régulations, Institutions, Territoires*, da *Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines*, na França. Essa conferência, que foi proferida no encerramento do *XXIV Assises de la Traduction littéraire sur le thème "Traduction/Histoire"*, entre 9 e 11 de novembro de 2007, na cidade de Arles-França, vem traduzida e apresentada por Alexandro Henrique Paixão e Leandro Thomaz de Almeida.

Enfim, não poderíamos deixar de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a gestação deste número da *Revista da Anpoll*, que vem a lume apresentando um significativo conjunto de textos com diversidade institucional, ajustados às leis de proteção aos direitos autorais (*Creative Commons*). Boas leituras!

Stélio Furlan

Universidade Federal de Santa Catarina

Alfredo Cesar Barbosa de Melo

Universidade Estadual de Campinas